

# A MINHA

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

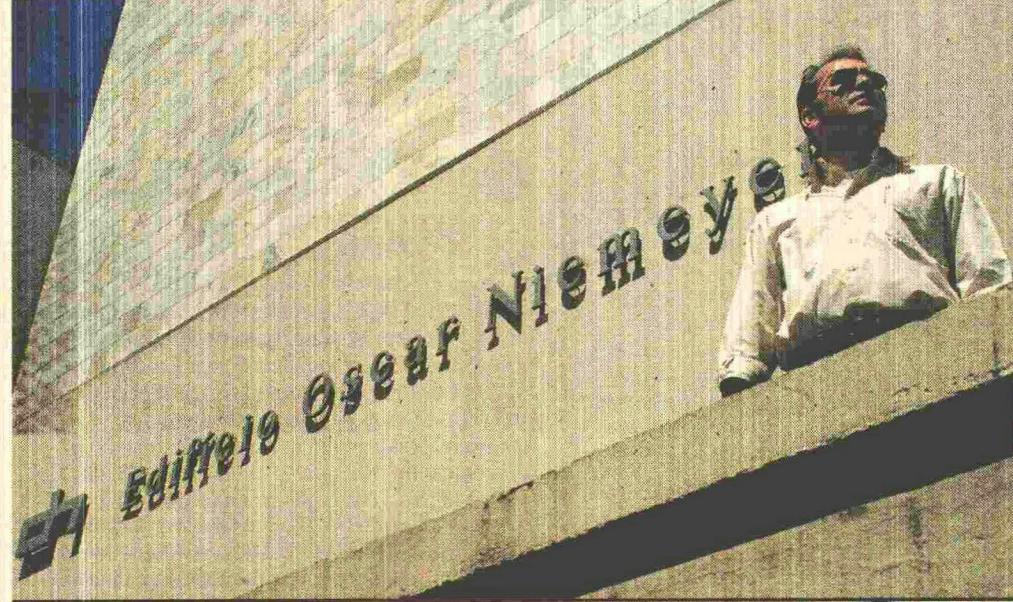
**H**á uma história não-oficial em Brasília. A história que não está contada nos livros. Não é documentada em memoriais. Não consta dos arquivos públicos. Não dará prêmios a ninguém. Não se ergueram bustos. Não circulou pelos gabinetes acarpetados do poder. Não se fizeram conchavos. Aliás, passou longe deles. Há uma emocionante história de Brasília que a Brasília oficial desconhece.

É a história de uma gente anônima, mas que, na

essência, é a verdadeira identidade dessa cidade. O Correio conta hoje a saga de Ana Cláudia, Leobino, Marietta e Altino. Gente que viu a cidade se erguer, fez parte dela, se emocionou com as mudanças. Viu árvores e prédios crescerem na imensidão do barro vermelho. Gente que se tornou címplice de Brasília.

Ana Cláudia recorda o dia em que o primeiro semáforo da W3 Sul foi inaugurado. "Como não tinha trânsito, sinal era coisa desnecessária." Leobino não se esquece do Copo Verde, o primeiro restaurante da cidade, na 304 Sul. "Era o ponto de encontro,

Fotos de Ricardo B. Labastier e de álbuns de família



**ALTINO SE LEMBRA DO GRAMINHA, QUE FURAVA A BOLA DE QUEM JOGASSE NA GRAMA, E DE SUA ESCOLA NA 305 SUL. CARTA PARA NIEMEYER FOI ESCRITA NA 1ª SÉRIE: SEIS PERGUNTAS PARA O ARQUITETO, QUE RESPONDEU TODAS**



## O MENINO E O ARQUITETO

Com a separação dos pais, o menino de 4 anos veio morar com uma tia em Brasília. Era outubro de 1964. Governador Valadares, em Minas Gerais, havia ficado para trás. Começava aqui a nova vida de Altino José Machado Brant. Primeiro endereço: SQS 105, bloco E. Primeiro colégio: Escola Classe 305.

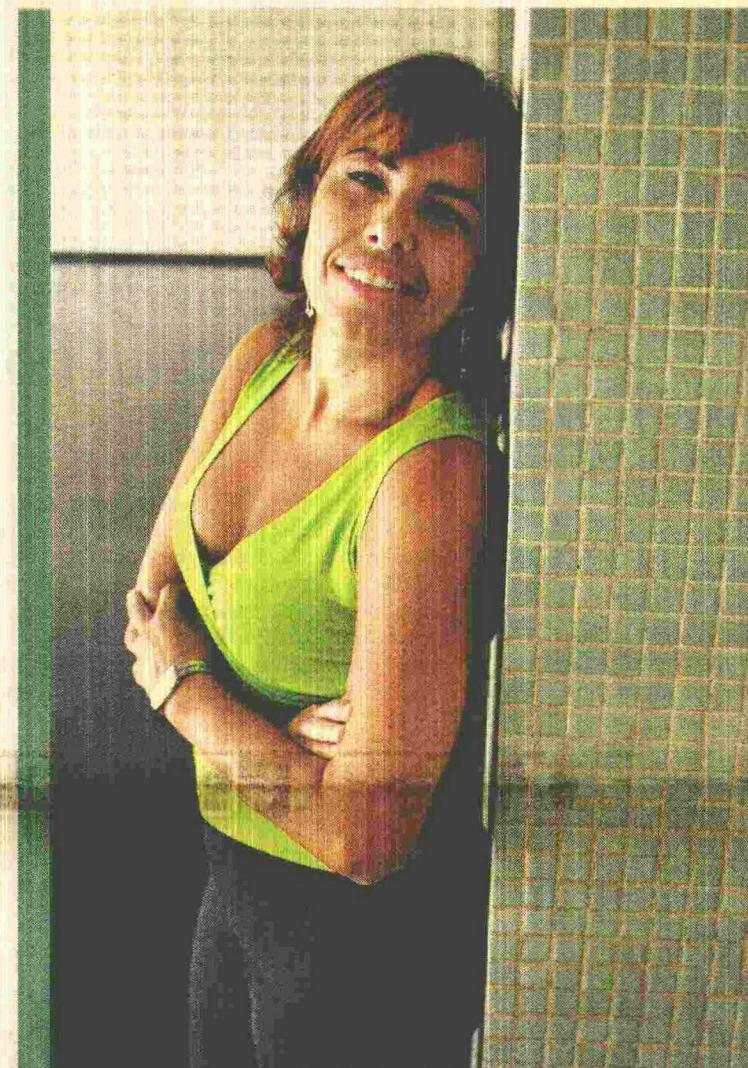
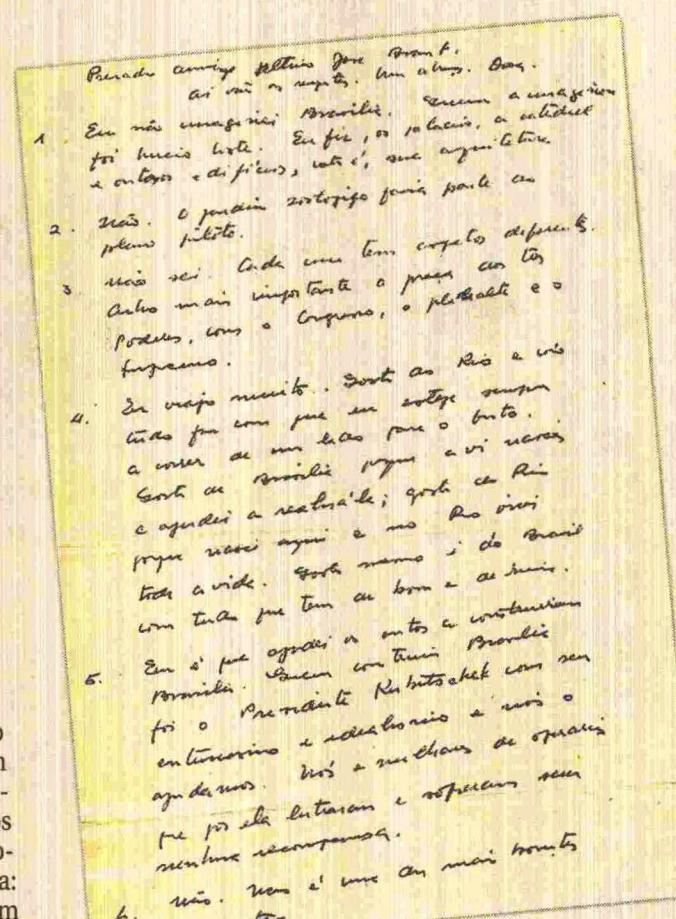
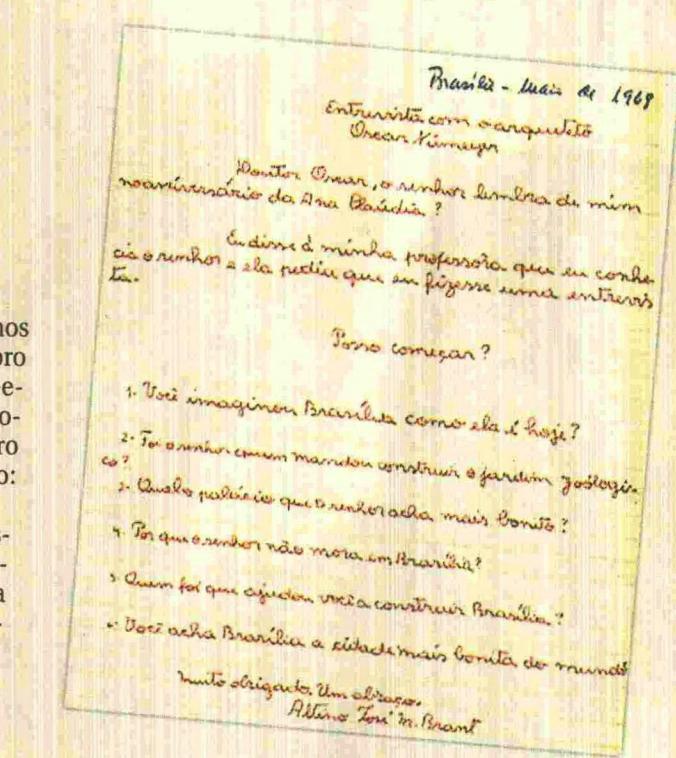
Três anos depois, na mesma escola, a professora pediu um trabalho sobre a capital da República. O menino falou que sua tia era amiga do criador de Brasília. A professora não acreditou. Os coleguinhas duvidaram.

O menino pediu, então, que a tia, Vera Brant, falasse com Oscar Niemeyer. Altino José (conhecido como Tico) fez a entrevista. Na letra desenhada de criança elaborou seis perguntas. Indagou se foi ele quem construiu o zoológico. Quis saber por que Niemeyer não morava em Brasília. O arquiteto respondeu. A entrevista fez sucesso na escola. Todo mundo soube que a tia do menino era realmente amiga de Niemeyer.

Altino José foi criado na capital federal como se estivesse no interior. "A gente brincava de bate, de pega-pega. Mas o que dava medo era o graminha, o cara que, se pegasse a molecada jogando na grama recém-plantada, pegava a nossa bola e furava", recorda-se o hoje corretor de imóveis e advogado de 44 anos, divorciado, dois filhos, morador da Asa Norte.

Umas das coisas que mais marcaram Altino José foi a inauguração da Catedral, em 31 de maio de 1970. "Quando vi os anjos suspensos naquele lugar, a vontade que tive como criança era de voar e tocar neles", lembra. Outra foi o desfile da Seleção de 70, no Eixão. "Foi emocionante. A gente esperou horas, sem fome, sem sede, nem vimos o tempo passar."

E como a cidade estava apenas começando e o graminha não deixava as crianças jogarem futebol na grama, o jeito era organizar a peladinha no Eixão, aos domingos. "Havia tão poucos carros que nem precisava fechar a avenida, como se faz hoje." Sobre Brasília, só uma certeza: "Melhor qualidade de vida como aqui não tem em nenhuma outra cidade".



**ANA CLÁUDIA RECORDA AS EMOÇÕES DA INFÂNCIA NO SETOR MILITAR URBANO E DA ADOLESCÊNCIA NA ASA SUL: DEBAIXO DO BLOCO, OS MELHORES MOMENTOS**



## INFÂNCIA NA FAZENDA

Era fevereiro de 1974, verão. Carnaval na capital federal às vésperas de completar 14 anos. Chovia muito. Ana Cláudia Braga Mendonça, então com 8 anos, deixa Fortaleza. Filha de um militar do Exército, ela nasceu em Recife. Seria mais uma mudança na vida. Dessa vez, a mais diferente de todas que fizera. Brasília seria um desafio. O carro da família — pai, mãe e um irmão — entra na cidade. Endereço: Setor Militar Urbano (SMU).

"Não se via gente, quase só mato. Havia sons de grilo e sapos. Parecia que estávamos entrando numa enorme fazenda. De carnaval, não se ouviu nada. Naquele dia, mesmo criança, entendi o que era o Planalto Central", lembra a hoje psicóloga e servidora pública.

A vida no SMU seguia. "De dia, travávamos guerras com mamonas. O local era rodeado de arbustos. À noite, o silêncio e o breu eram perfeitos para assustar alguém. A gente aproveitava para contar e ouvir histórias de cemitérios, assom-

bração e discos voadores", recorda.

O tempo passou. A família mudou-se para a 103 Norte. Brasília passou a ter mais cara de cidade. Já não se parecia com uma grande fazenda. "A frase que mais se ouvia era: 'Você vai descer a que horas?'. Pior do que cortar a mesa, era os pais proibirem a desida."

E ela deixa escapar. "Debaixo do bloco, naquela época, eu vivi os melhores e maiores acontecimentos da minha vida. Era lá que a gente tocava violão, comia, sabia das festas, das paqueras, o primeiro beijo..."

Veio a adolescência da menina acostumada com o mar. Um dia, ela soube que inaugurariam uma piscina com ondas no Parque Pthon Farias (hoje Parque da Cidade). Foi até lá. E o escândalo: um freqüentador perdeu a dentadura. Virou notícia de jornal.

Brasília era assim: tinha piscina com ondas, apenas o Conjunto Nacional, o Cine Karim, a Feira Hippie (hoje, da Torre) e o Parque Iolanda Costa e Silva (agora Ana Lídia). "A história de Brasília fez eco dentro de mim e se confunde com a minha própria história", admite, emocionada, Ana Cláudia. Ontem, dia 20, véspera do aniversário da cidade, ela completou 39 anos.

# HISTÓRIA

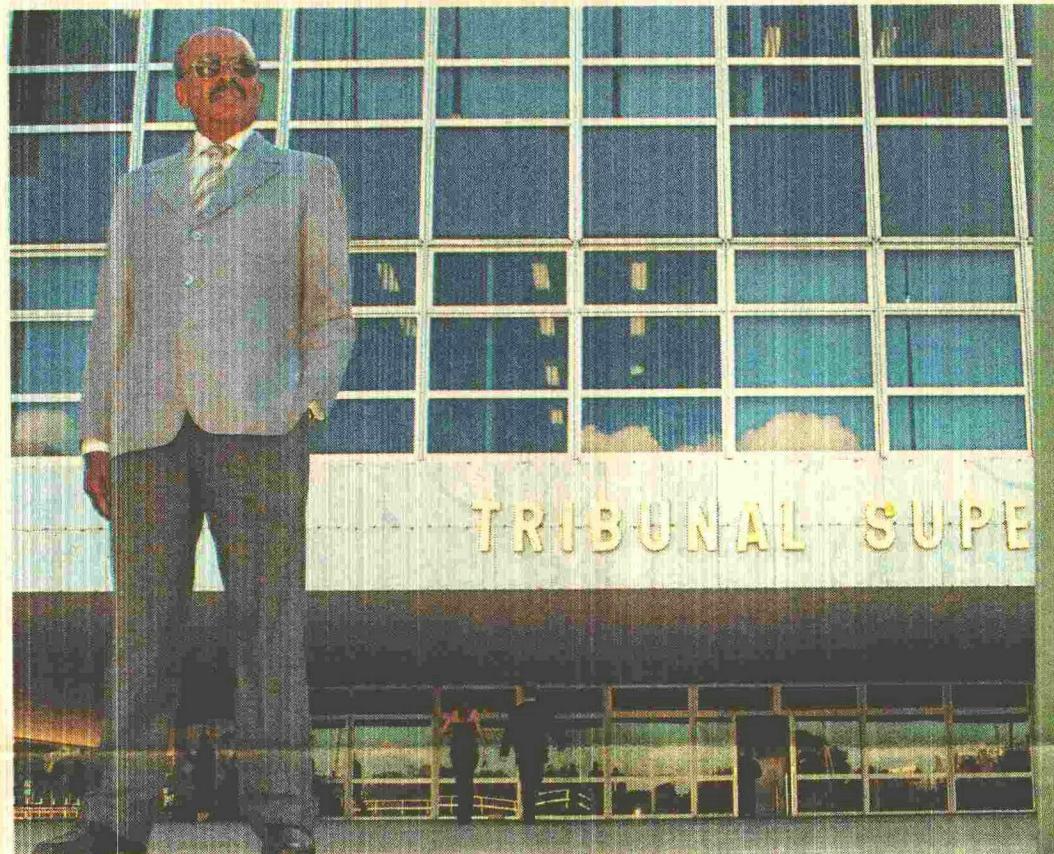
principalmente depois do futebol aos sábados."

Altino se lembra de um dia de maio de 1968, quando, no primeiro ano primário, aos 7 anos, entrevistou o criador de Brasília, Oscar Niemeyer, por carta. Delicadamente, o arquiteto respondeu, de punho próprio. "É a primeira vez que mostro pra alguém. Guardei isso durante 37 anos", revela.

A paraense Marietta jamais esquecerá aquele setembro de 1968, quando desembarcou na Rodoviária do Plano Piloto com o marido e os dois filhos mais velhos. "Passei anos xingando Juscelino Kubitschek. Como alguém, meu Deus, podia ter feito

uma cidade daquela? Chorei noite e dia sem parar." Trinta e seis anos depois, ela só tem uma certeza: "Não troco essa Brasília por nada no mundo. É aqui que quero viver pro resto da minha vida".

Para se construir uma cidade, é preciso muito mais que concreto. Precisa-se de gente. De bons contadores de histórias. De causos. De sonhos. De esperança. E de muita emoção. A pernambucana Ana Cláudia, o mineiro Altino, o baiano Leobino e paraense Marietta vivem isso. São o exemplo disso. E ajudaram Brasília a escrever mais um capítulo da sua existência.



LEOBINO (NA MESA, D) ENCONTRAVA AMIGOS NO PRIMEIRO BAR DA CIDADE, NA ASA SUL: COPO VERDE

## ISTO AQUI É UM PARAÍSO

Um dia, o patrão o chamou num canto e contou seu novo empreendimento: — Estou abrindo uma rede de farmácias em Brasília. Você quer ir morar lá?

Era julho de 1960. Havia dois meses que a capital federal fora inaugurada. Brasília era, ainda, muito barro vermelho e poeira. Mas ele não pensou duas vezes. Aceitou a proposta. Com 24 anos, Leobino Francisco dos Santos embarcou para o começo de sua nova vida. O baiano de Santo Estevão arrumou a mala e deixou o Rio de Janeiro. "Foram três meses de solidão. O frio era terrível. Às vezes, chorava. Queria voltar pro Rio."

Aqui, tornou-se gerente de uma das lojas do patrão, na 305 Sul. Alugou um quarto na casa de um português, no bloco E da 304 Sul. "Em 1960, só a metade da 305 Sul estava pronta. E em toda a cidade só existiam duas farmácias: uma na 509 Sul e outra na 507", conta.

Foram dois anos na farmácia. "Ali, pas-

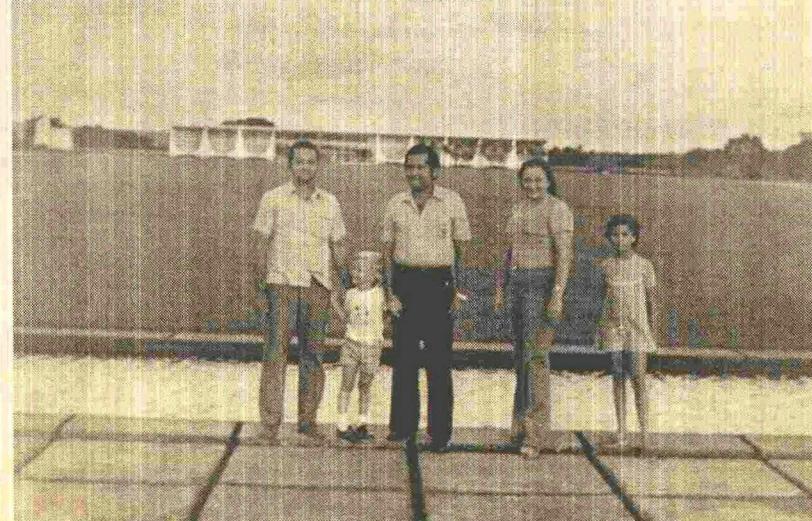
sava gente de todos os lugares. Fiz muitas amizades. Ajudou a espantar a solidão", conta. "Em 1962, tive um desentendimento com o patrão e pedi demissão. Arumei um emprego como auxiliar de almoxarife, no Ministério da Educação", conta o homem, que completará 70 anos em outubro.

Mais acostumado à cidade, Leobino (os amigos o chamam de Barbosa), começou a freqüentar os bailes da capital. Em 1964, numa festa na Associação dos Moradores da Asa Sul, num barracão de madeira na 409, conheceu a futura mulher, Domitila Mercedes. "Ela gostava de dançar e eu também." Da união, nasceram as duas filhas, Ana Cristina, hoje com 39 anos, e Ana Lúcia, 37. O casamento se desfez. A mulher voltou para o Rio de Janeiro. Leobino tocou a vida em Brasília com as duas filhas.

Morador da 416 Sul há mais de três décadas, ele fez concurso para motorista do Tribunal Superior Eleitoral, em 1968. "Eram dez vagas, passei em oitavo lugar", orgulha-se. "O que acho de Brasília? Aqui é um paraíso. Você já viu como o Itamaraty é imponente? Quero ficar aqui até Deus me levar. Espero que não me leve tão cedo..."



MARIETTA CHOROU QUANDO CHEGOU À CIDADE, COM SAUDADES DO RIO DE JANEIRO: VISITA AO PALÁCIO DA ALVORADA, COM O MARIDO E OS DOIS FILHOS, EM 1968



## A CHANCE DA CASA PRÓPRIA

Ela nasceu em Belém e mudou-se para Macapá com a família. Lá, conheceu o jovem Antero Borges de Oliveira. Casou-se. O marido foi trabalhar no Rio de Janeiro. Levou a mulher. Era tudo que ela queria na vida. Morava em Laranjeiras, na Cidade Maravilhosa, e adorava o mar. Lá, Marietta Tavernard de Oliveira, hoje com 63 anos, teve dois filhos.

Um belo dia, o marido, funcionário do Incra, recebeu um convite para vir a Brasília. "Ofereceram-nos apartamento. Era nossa única chance de morar num imóvel próprio. Mas, mesmo com tanta vantagem, eu ainda resisti à idéia", diz Marietta.

Setembro de 1968. Um ônibus que partiu do Rio de Janeiro trouxe Antero, Marietta e os dois filhos pequenos, Carlos Daniel, com 9 anos, e Leila Selma, 5. Desembarque: Rodoviária do Plano Piloto. Endereço da família: terceiro andar de um apartamento na 404 Sul. Vista: o Lago Paranoá (que não se vê mais) e um barraco de madeira da Comunhão Espírita.

Na quadra, só havia dois blocos. "E muitos ratos pelas escadas", arrepia-se Marietta. "Como quase nada existia, a padaria mais próxima era a Delícia, na 206 Sul", recorda. "Eu não conseguia me adaptar. Quando ia pra janela e via um avião, chorava. Só pensava em voltar pro Rio de Janeiro."

O tempo se encarregou de diminuir o choro e a angústia de Marietta. "Aos poucos, fui me acostumando." Aqui, nasceram seus dois últimos filhos: Sérgio Ricardo, hoje com 34 anos, e Flávia, 22. O padre Dom Damasceno (hoje arcebispo de Aparecida do Norte) mandava cartas para os fiéis, convidando-os para a missa, no Santíssimo Sacramento, na 606 Sul. Antero dedicou-se ao transporte escolar. Durante 20 anos, nas suas cinco kombis, levou e trouxe alunos de todos os cantos de Brasília. A cidade tornou-se humana.

Há três anos, Antero morreu. Marietta, ainda na 404 Sul, continuou sua vida. Sobreviveu à dor da perda. "A saudade só aumenta", confessa. E Brasília? "É a cidade onde quero viver pro resto da minha vida. É o lugar que realmente escolhi."